

NUNO HIPÓLITO

**«O dia triunfal»
de Fernando Pessoa**

© 2007-2010 Nuno Hipólito

*Cada vez estou mais só, mais abandonado.
Pouco a pouco quebram-se-me todos os laços.
Em breve ficarei sozinho.*

Fernando Pessoa, 1914

Introdução

A 13 de Janeiro de 1935, Fernando Pessoa escreve – à máquina, como era seu hábito, porque lhe permitia escrever “à medida que pensava”¹ – uma extensa carta ao seu amigo e crítico literário Adolfo Casais Monteiro².

Na carta, que ficaria conhecida para o futuro como “carta sobre a génese dos heterónimos”, Pessoa explica em pormenor a Casais Monteiro o dia em que tinham nascido Caeiro, Campos e Reis e vai mais longe, dando o seu próprio testemunho sobre o porquê desses nascimentos³.

Na passagem mais marcante, Pessoa indica com pormenor o dia em que teriam nascido os heterónimos. Esse dia é dado com uma precisão incrível, foi em 8 de Março de 1914, tinham passado já 20 anos em 1935, mas Pessoa parecia lembrar-se como se tivesse sido apenas ontem. Mas talvez a explicação fosse afinal simples. Pessoa lembrava-se porque esse dia tinha sido, nas suas palavras, “o dia triunfal” da sua vida e nunca poderia ter outro assim.

Casais Monteiro fica de tal modo impressionado com a missiva que, quando a publica no n.º 49 da *Presença*, em 1937, considera-a “uma obra excepcional”. Reforça o seu ponto quando de seguida confirma a sua opinião de que ela é uma obra e não só um documento⁴. Uma obra que, pela sua importância, ultrapassava largamente o escopo de mero texto informativo, em resposta a umas poucas perguntas que o crítico colocara ao poeta.

É pois natural que Casais Monteiro se tornasse ele mesmo o primeiro a dar a sua opinião sobre tão complexa carta.

A questão principal seria a de saber se Fernando Pessoa, ao falar sobre a génese dos seus heterónimos no «dia triunfal» estaria ou não a mentir, a incorrer no seu tão propalado fingimento.

Casais Monteiro não se compromete com uma resposta definitiva. Diz que “a leitura atenta da carta não nos dá uma resposta”. Exclui apenas a hipótese de Pessoa estar a fingir por completo, de tudo ser apenas uma simulação, uma ilusão desenhada para intrigar, desnortear...

O «dia triunfal»: verdade ou encenação?

De facto, até recentemente, era tranquilo que o que Pessoa relatara na carta seria a mais pura das verdades. O próprio relato ajudou de certa maneira a elevar o mito do poeta a um degrau superior, envolvendo-o num mistério crescente pois o seu génio tinha aparentemente nascido num ímpeto imparável de inspiração. A imagem de Pessoa encostado à sua cómoda alta (que ainda resiste no primeiro andar da Casa Fernando Pessoa) escrevendo pela noite dentro, em jactos imparáveis, jactos esses que serviriam de conduta para o nascimento de Caeiro, Reis, Soares... é certamente uma imagem que ajudou a firmar o nome de Fernando Pessoa no Universo da Literatura Portuguesa, Europeia e Mundial.

Será apenas quando os estudiosos começam a consultar o espólio que o mito infalível do «dia triunfal» será progressivamente posto em causa. Ivo Castro, que pesquisa e publica a obra de Alberto Caeiro nota a discrepância entre as datas presentes nos originais do «Mestre» e a data do «dia triunfal».

Surgem quase de imediato várias teorias. A primeira das quais defenderá que Pessoa teria construído a sua própria personagem. Seria a principal razão porque enviara uma carta tão extensa e pormenorizada a Casais Monteiro, um crítico literário, a poucos meses da sua morte. Ao

¹ Diz Pessoa na carta a Casais Monteiro: “escrever à máquina é para mim falar”.

² Adolfo Casais Monteiro nasceu em 1908 no Porto e morreu em 1972 em São Paulo. Foi uma das figuras proeminentes no panorama intelectual das décadas de 30 e 40 na poesia Portuguesa, fazendo de certo modo a transição entre o modernismo da geração de 1915 e a poesia da segunda metade do século.

³ A carta responde na realidade a três questões: 1) plano de publicação das obras; 2) génese dos heterónimos e 3) posição de Fernando Pessoa perante o ocultismo.

⁴ Cf. Adolfo Casais Monteiro, *A Poesia de Fernando Pessoa*, INCM, pág. 238 e segs.

sentir que a doença tomava conta dele, que as forças lhe faltavam, Pessoa teria sentido a necessidade de assegurar a sua imortalidade – e, inteligente como era, viu a hipótese de a escrever nos seus termos, de deixar marcada no futuro a sua versão da história.

Parece, à primeira vista, ser um argumento poderoso. Faz sentido pensar que Pessoa poderia ter uma segunda intenção ao escrever a *Casais Monteiro*. O fingimento, coisa natural nele, seria apenas prolongado na última etapa da sua vida, com o objectivo intencional de preservar a sua própria memória. A mentira seria perfeitamente plausível perante a impossibilidade de analisar os originais – era a palavra de Pessoa, o autor, perante as dúvidas dos seus leitores e críticos da sua obra.

Mas serão os originais a assegurar uma resposta clara, a nosso ver, para refutar este argumento.

Porque iria Pessoa construir tão complexa ilusão, inventar um «dia triunfal», construir a sua memória futura baseando-a numa história que inventava passo a passo, apenas para a ver destruída no momento em que alguém se confrontasse com os seus manuscritos?

Não se pode defender que Pessoa não esperasse que eles sobrevivessem. É conhecido o cuidado com que os defendia. A sua arca de inéditos ia com ele sempre que mudava de casa e dentro catalogava, dentro do possível, todos os seus escritos, muitos deles fragmentos mínimos, confusos, deitados a letra em versos de cartas, postais, envelopes e muitos outros suportes ocasionais.

Mas, se não é crível que Pessoa caísse num erro tão amador – ainda mais ele, um amante de Edgar Allan Poe e das novelas policiais – também nos poderá espantar que ele tivesse deliberadamente estabelecido o «dia triunfal» quando o sabia tão facilmente recusado perante as provas documentais.

Parece necessário estabelecer as hipóteses possíveis de explicar o porquê do «dia triunfal» para depois analisarmos qual poderá ser a mais plausível:

1. O «dia triunfal» foi uma realidade.

Se seguirmos a carta fielmente, podemos acreditar que Pessoa tenha escrito, num jacto, “*trinta e tantos poemas a fio*” do *Guardador de Rebanhos*.

Sabemos que ele escrevia amiúde pela noite dentro.

Não haveria razão para desconfiar do poeta, pois ele estaria a escrever a um amigo próximo e usava na carta de um tom familiar acentuado, que iria contra um qualquer intuito deliberado de proteger a sua própria posteridade.

Existe um caderno no espólio, com o manuscrito original e completo do *Guardador de Rebanhos*, datado no período em que se encontra o dia triunfal, que confirma esta hipótese. Além do mais, o facto de se lembrar da data exacta apenas confirmaria o facto de esse dia ter tido uma grande importância para ele. Não é decerto estranho lembrarmo-nos de dias de grande importância, como seja o nascimento de um filho, o dia do casamento, o dia da morte dos nossos pais, etc...

Quando Pessoa fala da génese dos heterónimos a *Casais Monteiro*, apenas estará a aproveitar uma hipótese que lhe é dada para falar desse evento. É bom de notar que foi *Casais Monteiro* a inquirir Pessoa sobre a razão dessa mesma génese.

Para aceitarmos esta hipótese, teremos talvez de dar um *salto de fé*, mas será um salto de fé consubstanciado no facto de Pessoa ele mesmo se ter sempre considerado um “*insincero verídico*”. Ou seja, a verdade estava sempre subjacente mesmo quando ele mentia.⁵

⁵ O mais recente biógrafo de Pessoa, Robert Bréchon, filia-se na hipótese de que o «dia triunfal» foi uma realidade e que algumas imprecisões seriam apenas devidas à distância temporal. Cf. Robert Bréchon, *Estranho estrangeiro*, Quetzal, pág. 207 e segs.

2. O «dia triunfal» foi uma pura encenação.

Temos de voltar à carta para a analisar com maior pormenor.

Como indica Miguel Tamen, num artigo recente, Pessoa incorre em algumas incoerências quando fala sobre a origem dos heterónimos⁶. A maior das incoerências é, a nosso ver, começar por explicar o fenómeno pela sua vertente psiquiátrica (“*A origem dos meus heterónimos é o fundo traço de histeria que existe em mim*”) só para mais tarde dizer o aparecimento de Caetano de Campos, de uma ideia, de “*inventar um poeta bucólico*”, para fazer uma partida a Mário de Sá-Carneiro, facto que lhe levou alguns dias a completar. Ora, parece incoerente que algo que nasça da histeria seja premeditado. Para contribuir para o paradoxo, é Pessoa ele mesmo a confirmar que nada nele é alguma vez premeditado, “*sou incapaz de premeditação prática*” – diz ele na mesma carta.

O aparecimento dos discípulos também parece contradizer a explicação psiquiátrica: “*Aparecido Alberto Caetano, tratei logo de lhe descobrir – instintiva e subconscientemente – uns discípulos*”. É a passagem “*tratei logo de lhe descobrir*” que nos intriga. Afinal houve um processo intencional, deliberado e não, ao que se julgaria, um processo caótico de geração espontânea?⁷

Tamen defende que, dado o número excessivo de explicações oferecidas, se deve negar que exista sequer uma. Ou seja, Pessoa, ao explicar “demasiadamente” a génese dos heterónimos, invocando causas que se excluem mutuamente, estaria a evitar oferecer uma explicação definitiva – ou seja, a carta não diria nada de concreto.

Parece indiciar-se um logro, mesmo que apenas um logro literário – mais precisamente uma encenação. Seria Pessoa a envolver Casais Monteiro na sua rede de ilusões, prendendo a sua atenção com pormenores indefinidos, desenhando uma planície de realidade só a contornos para que Casais Monteiro a enchesse de cor mais tarde.

Para corroborar este entendimento vemos que Pessoa faz referências implícitas à posteridade. Diz a Casais Monteiro que fez uma cópia da carta e autoriza-o a publicar a mesma quando lhe aprover, o que certa maneira, se faz sentido, também faz estranheza⁸.

Não é certamente de modo inocente que o “poeta Fernando Pessoa” escreve assim ao “crítico Casais Monteiro”.

Certo é que Pessoa conseguiu confundir Casais Monteiro. É o próprio a confessá-lo mais tarde quando publica a carta na *Presença*: “*ficamos atónitos, maravilhados e confusos*” – é o estado dele ao ler as explicações da carta, no que toca à génese dos heterónimos⁹.

Tudo isto se justificaria se Pessoa estivesse a construir o “mito de si mesmo”.

Há que aduzir a estes argumentos, ainda outros de índole mais técnica.

⁶ Miguel Tamen, «Caves e Andares Nobres» in *Pessoa's Alberto Caetano*, Portuguese Literary & Cultural Studies, 3, Outono, 1999, pág 19 e segs. O autor parece perfilar-se como defendendo que a carta é feita com premeditação, mas sem que tenha algum conteúdo prático. O próprio autor, indicando sempre a ambiguidade da carta, no entanto, se tornou ele próprio ambíguo na sua própria opinião acerca dela...

⁷ Poderia mesmo ter Sá-Carneiro ter estado na origem dos heterónimos? É António Quadros que o sugere, ao indicar o poema 7 de Sá-Carneiro, datado de 8 de Fevereiro de 1914, um mês antes do «dia triunfal» e no qual o malogrado poeta diz: “*Eu não sou eu nem o outro, / Sou qualquer coisa de intermédio: / Pilar da ponte de tédio / Que vai de mim para o Outro.*” (Cf. António Quadros, *Fernando Pessoa, vida, personalidade e génio*, D. Quixote, pág. 34).

⁸ “*Além da cópia que normalmente tiro para mim, quando escrevo à maquina de qualquer carta que envolve explicações da ordem das que esta contém, tirei uma cópia suplementar, tanto para o caso de esta carta se extraviar, como para o de, possivelmente, ser-lhe precisa para qualquer outro fim. Essa cópia está sempre às suas ordens. Outra coisa. Pode ser que, para qualquer estudo seu, ou outro fim análogo, o Casais Monteiro precise, no futuro, de citar qualquer passo desta carta. Fica desde já autorizado a fazê-lo, mas com uma reserva, e peço-lhe licença para lha acentuar. O parágrafo sobre o ocultismo, na página 7 da minha carta, não pode ser reproduzido em letra impressa.*”

⁹ *Op. cit.*, pág. 240.

Existe um caderno no espólio com todos os poemas do *Guardador de Rebanhos*, escrito com a mesma caligrafia, no mesmo tipo de letra e usando o mesmo tipo de instrumento de escrita.

Mas uma letra sempre igual parece incompatível com o que diz Pessoa: “*acerquei-me de uma cómoda alta, e tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir*”. Ora, quem escreve em êxtase não mantém uma caligrafia exacta, sempre igual e bem definida.

Existem ainda a quantidade considerável de “documentos intermédios”, rascunhos iniciais e medianos, passagem a limpo de poemas e emendas finais, que deitam por terra a ideia de Pessoa ter escrito uma grande porção do livro num único dia.

Por último, a datação não é unívoca. Existe uma data geral, “1911-1912” no manuscrito passado a limpo, mas há uma data posterior, usando uma tinta diferente de “Maio a Março de 1914”. Temos ainda os rascunhos, com datas díspares, não coincidentes com a do «dia triunfal».

Aglomerando todos estes argumentos, poderemos chegar facilmente à conclusão de que houve realmente uma encenação do «dia triunfal». Parece ser este mesmo o entendimento dos especialistas da Biblioteca Nacional, presente – algo imprudentemente na nossa opinião – [na ficha bibliográfica do espólio relativa ao *Guardador de Rebanhos*](#).

3. O «dia triunfal» é um dia simbólico.

Pessoa, que apreciava Kant, decerto apreciaria uma interpretação sintética do seu pensamento. Parece-nos que é mesmo esta a interpretação em falta neste momento da exegese Pessoaana.

Uma interpretação de síntese tentará conciliar os pontos de vista divergentes sobre o «dia triunfal», nomeadamente o facto de ser ou não uma encenação de Pessoa ou um evento real, que realmente aconteceu como o poeta o descreve na sua famosa carta de 1935 ao crítico literário e também ele poeta Adolfo Casais Monteiro.

Julgamos que terá sido esta a sucessão de eventos que levou ao «dia triunfal»:

Pessoa sempre sentiu dentro de si esse impulso para a despersonalização. Como relata na carta a Casais Monteiro, o impulso vinha já da sua tenra infância, tendo “inventado” a personagem Chevalier de Pas com apenas 6 anos. Curiosa esta idade, porque sabemos que os 5/6 anos marcam o fim da “idade de ouro” de Fernando Pessoa¹⁰, a idade em que, filho único, se sentia seguro no amor dos seus pais. Não será discipiendo analisar que o primeiro personagem aparece depois desse acontecimento fatal, que para sempre marcará a vida de Fernando Pessoa.

Anos mais tarde, em Fevereiro de 1914, quando Sá-Carneiro surge com um poema – «7» – que marcadamente fala de despersonalização, Pessoa já se começara a distanciar progressivamente do seu passado recente. Nomeadamente quebrara laços com o movimento da *Renascença Portuguesa*, e tinha consolidado o seu próprio movimento informal, com nomes como Alfredo Guisado, António Ferro, José Pacheco, Luís de Montalvor e Mário de Sá-Carneiro. Será porventura este convívio que fará aumentar a confiança de Fernando Pessoa, que o lançará verdadeiramente no que era já o seu destino.

António Quadros fala de como Caeiro pode ser considerado a “*o segundo acto da execução ritual*” da ligação à *Renascença*¹¹. Porque Caeiro é anti-saudosista e sobretudo anti-metafísico.

Não reduziremos a importância de Caeiro apenas a uma reacção, mas esta é certamente uma dimensão da génese dos heterónimos, sobre a qual versa inegavelmente o «dia triunfal».

Fernando Pessoa ter-se-á sentido intelectualmente desafiado perante o poema de Sá-Carneiro? Podemos apenas especular. O certo é que o seu hábito remoto de criar personagens poderia

¹⁰ Período de infância a que João Gaspar Simões chamou eloquentemente “Paraíso perdido”.

¹¹ Cf. *Op. cit.*, pág. 33.

encontrar agora todo um novo Universo onde florir, mais maduro e ciente de si mesmo. Caeiro seria, paradoxalmente, o primeiro passo para a afirmação do próprio Fernando Pessoa enquanto *full fledged poet*. Era altura de assumir o que realmente era a sua missão de vida.

O que dizemos encontra eco no próprio diário do poeta. Vejamos esta passagem elucidativa:

“Hoje, ao tomar de vez a decisão de ser Eu, de viver à altura do meu mister, e, por isso, de desprezar a ideia do reclame, e plebeia socialização de mim mesmo, do Interseccionismo, reentrei de vez, de volta da minha viagem de impressões pelos outros, na posse plena do meu génio e na divina consciência da minha Missão (...) Um raio hoje deslumbrou-me de lucidez. Nasci”.

Diário de 1914

Que dizer destas palavras que eles mesmas não expliquem?

Fernando Pessoa, na primavera de 1914, estava pronto a ser ele-próprio. E ser ele próprio era libertar-se das influências redutoras de movimentos e impressões, era exprimir o que lhe ia por dentro, sem medo de influir ele nos outros e não o contrário. Nascer toma assim o significado de renovação, de achar um propósito, um destino.

Quer dizer então do «dia triunfal»?

Com base nas provas documentais é-nos impossível estabelecer com 100% de certeza se ele existiu ou não, porque apenas Fernando Pessoa saberia se as datas nos rascunhos estariam correctas ou não. Qualquer análise documental pode ser sempre refutada com base na veracidade do que está escrito.

Mas se é impossível saber se de facto Pessoa escreveu ou não a maioria dos poemas de *Guardador de Rebanhos* nesse dia, podemos questionarmos acerca da escolha do mesmo. Porquê 8 de Março de 1914 e não outro dia? E porque chamou Pessoa a esse dia, um «dia triunfal»? A que triunfo se refere Pessoa?

Há algum tempo que nos questionámos acerca da importância do «dia triunfal». A nossa intuição é que o dia tinha sido “escolhido” deliberadamente. Sempre julgámos que se conseguíssemos analisar esse dia por si mesmo, nos surgiria por acrescento uma explicação do porquê de Fernando Pessoa se referia a ele e a nenhum outro.

Será a única maneira de o analisarmos, visto que é impossível provar que realmente algo aconteceu naquele dia, como diz Fernando Pessoa.

Com esse intuito procurámos explicações paralelas para o «dia triunfal».

Como estamos no reino da investigação sobre Fernando Pessoa, ocorreu-nos que a explicação paralela evidente seria uma explicação ocultista. Com a preciosa ajuda do astrólogo [Nuno Michaels](#), construímos temas astrológicos para Fernando Pessoa e para o «dia triunfal».

Não caberá neste pequeno ensaio uma total demonstração das nossas investigações, mas em resumo chegámos às seguintes conclusões:

- O número 17 é dominante.
- O elemento menos dominante em Fernando Pessoa é o elemento Terra (Campos representa a Terra).
- O tema astrológico de Pessoa demonstra a sua tendência para a despersonalização, para a multiplicação interior.
- Existe uma conjugação de planetas invulgar e rara, e que estava precisamente a ocorrer no dia 8 de Março de 1914, e não no dia anterior nem no posterior.

- Essa conjugação indicava, de modo evidente e indesmentível, um assumir de um destino, um renascer e o assumir de um novo rumo na vida – um período de mudança fundamental.
- Esse período de mudança estava associado, de maneira directa e indesmentível com Portugal.

Ou seja, o dia 8 de Março de 1914 não foi “escolhido” de maneira inocente. Trata-se de um dia simbólico para a vida de Fernando Pessoa – um dia que simboliza na perfeição um assumir de um novo destino, de uma nova etapa na sua vida, a etapa decisiva em que ele partiria para se tornar verdadeiramente no génio que hoje conhecemos¹².

Pessoa era um ávido pesquisador da astrologia, tendo pensado a um tempo estabelecer-se mesmo como astrólogo na praça de Lisboa e tinha criado um sub-heterónimo – Raphael Baldaya – em cujo nome pretendia editar vários livros ligados a este tema, que infelizmente continuam inéditos¹³.

Para quem não acredita na astrologia, nem que essa possa ser uma resposta definitiva à definição do «dia triunfal», fica a passagem de Fernando Pessoa, absolutamente lapidar:

A astrologia é verificável, se alguém se der ao trabalho de a verificar. A razão porque os astros nos influenciam é uma questão a que é difícil dar resposta, mas não é uma questão científica. A questão científica é: influenciam ou não influenciam? A «razão por que» é uma questão metafísica e não tem que perturbar o facto, a partir do momento em que descobrimos que é um facto.

Fernando Pessoa, *Erostratus*

Quanto ao triunfo, pensamos que Pessoa se referia a um triunfo sobre as dificuldades que o assolavam. Mas é um triunfo interior, que o tornaria invencível, que o faria resistir. O «dia triunfal» será o dia em que Pessoa assume a sua invencibilidade – passará a resistir de maneira verdadeiramente perene os prazeres comuns da vida: deixará verdadeiramente de viver.

Conclusão

Que Fernando Pessoa tenha realmente tido um «dia triunfal» parece de somenos importância. A nossa opinião pessoal é que ele não o terá tido, que o nascimento dos heterónimos se espalhou por diversos dias, até mesmo semanas ou meses, à medida de diversos rascunhos, passagens a limpo, correcções finais... Seja como for, o importante é que nesse mesmo período um «dia triunfal» existiu realmente e ficou marcado nos astros para a posteridade – foi um momento de definição de Fernando Pessoa perante o mundo e um dia em que ele sentiu começar a vencer a vida. Foi esse o dia que ele recordou ao escrever a carta a Adolfo Casais Monteiro.

Este «dia triunfal» marcou o início de algo maior para o poeta e pensador. Marcou uma viragem de página no seu destino, a que ele, consciente como era sobre o tema da astrologia, não pôde ficar indiferente. Um «dia triunfal» simbólico, mas ainda assim cheio de força vital, uma nuvem prenhe de raios para o que estava ainda porvir e que encheria de novo sangue a sociedade Portuguesa que morria e ainda morre nos dias de hoje, quando se fala de esperança e de futuro.

¹² Gaspar Simões, o primeiro biógrafo, adivinhando a importância do «dia triunfal», tem esta curiosa frase: “*la principiar uma nova fase psíquica – e literária, portanto – ou na vida literária – e psíquica*”. (Cf. João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, Volume I, Verbo, pág. 247).

¹³ Pelas informações que recolhemos, será o astrólogo Paulo Cardoso que se estará a ocupar, já há mais de dez anos da recolha destes textos. No entanto não podemos deixar de nos manifestar contra a falta de resultados do seu esforço em termos de obras publicadas.